

## RECADO DE PARIS

PARIS, junho — Aos 60 anos, Sacha Guitry é uma dos homens que tem pior imprensa na França. Há motivos para isso, naturalmente. Não vamos examinar as acusações que o levaram à cadeia logo após a Libertação. Ele pretende ser apolítico. Afirma ainda — e isso lhe valeu muito, em seu processo — ter usado de seu prestígio para salvar muitos homens da Resistência. Por sinal que apareceu agora, na correspondência de Max Jacob a Jean Cocteau, este bilhete de 29 de fevereiro de 1944, que diz: "Caro João: Escrevo-te de dentro do vagão, graças à tolerância dos guardas. Chegaremos daqui a pouco a Drancy. É tudo o que tenho a dizer. Sacha, quando alguém lhe falou sobre minha irmã, disse: "Se fôsse ele, eu poderia fazer alguma coisa". Pois bem: sou eu. Abraço-te. — Max".

Seis dias depois Max Jacob sucumbia. Se Sacha não pôde ou não quis fazer nada nesse caso, em outros é indiscutível que ajudou os antinazistas. É principalmente sua arrogância, seu desprezo pelos políticos e sua vaidade desmedida que lhe fazem a má imprensa.

Um livrinho seu que me caiu nas mãos tem um excesso de paradoxos fáceis, mas uma ou outra coisa interessante — ou significativa. Vamos dar exemplos: "Sou um desses homens a quem não se perdôa nada. Nem mesmo as desgraças que me acontecem — porque todos estão convencidos de que nenhuma pode me atingir, e de que não há nenhuma de que eu não tenha tirado algum proveito — o que, aliás, é verdade".

"Veremos mais tarde que aqueles que me fizeram prender, percebendo a tolice que fizeram, não me perdoarão isso".

"Ando tão cansado que bocejo dormindo".

"Cinco homens armados para me levar à delegacia! Houve um momento que pensei que iam me casar à força".

"O livro "Vida das Abelhas" de Maeterlinck está em sua quarta tradução portuguesa. Não sei nada de mais comovedor que essa juventude eterna de uma obra prima que vê morrer suas traduções uma após outra, de velhice".

"Eu mal conheço aquele homem — entretanto ele me detestava como se fôssemos parentes".

"Que há de novo? Molière".

"Se é verdade que a gente renasce sob um nome diferente, em outro país, exercendo outra arte — Mozart não teria sido a segunda viagem de Rafael?".

"Há pessoas que falam, falam, até que, por fim, acham alguma coisa para dizer".

Mas vamos encerrar isto por uma história de Sacha contada outro dia em um jornal de Paris. Ele passava com um amigo diante da casa em que viveu Sarah Bernhardt, e se deteve para ler a placa comemorativa. "Voce acha — perguntou Sacha — que depois da minha morte vão colocar alguma placa em minha casa? Diga sinceramente". E o amigo: "Acho". Pergunta Sacha: "E o que escreverão?". O amigo: "Aluga-se".

18.6.50

R. B.

217